

A QUIMERA IDEOLÓGICA: Reflexões sobre a pureza ideológica na gênese dos movimentos operários em Pernambuco

Por Joel Rodrigues de Moura

RESUMO

O presente texto é resultado de uma pesquisa que tentou, em poucas páginas, traçar um perfil ideológico do nascente movimento da classe operária em Pernambuco em meados do final do Século XIX para o XX. A ideia inicial seria verificar se a vanguarda classista desse tempo tinha um perfil comunista, socialista, anarquista ou anarco-sindical.

À medida que era levado a cabo o levantamento em artigos, teses e ensaios e as leituras da pesquisa eram concluídas, todas as fontes, por mais diversos que fossem os discursos, convergiam para uma só noção: em suas fases embrionárias, os movimentos operários na aurora do Século XX em geral não possuíam uma linha ideológica fielmente “nos trilhos”, em suas formas “puras”, semelhante ao que concebem os movimentos ditos proletários de nossos dias. Muito pelo contrário, à medida que a pesquisa tomava forma, mais e mais eram encontrados indícios do que Evaristo de Moraes Filho chama de “porre ideológico”: devido à capacidade de pluralismo e diálogo dessas novas ideias, o ativismo político do operariado pernambucano é permeado por um sincretismo de filosofias e políticas que hoje são comumente tidas como incompatíveis, como o caso do socialismo e o cristianismo. Essas parcerias improváveis davam uma tônica única aos modos que os trabalhadores conduziam suas lutas sociais.

A quimera, criatura mitológica que empresta o título deste ensaio, é composta por partes do corpo distintas de animais naturalmente incompatíveis entre si, tendo como representação clássica uma cabeça de leão, o corpo de uma cabra e como cauda uma cobra viva. Esse amalgama biológico compõe um animal que apesar de impossível na concepção, formava um ser tão vivo quanto os movimentos operários e seus socialismos do evangelho ou sindicatos católicos.

O presente ensaio tem como objetivo discorrer sobre a citada quimera ideológica não ser uma aberração ou algo impuro e distorcido, e sim parte de um percurso natural para todo movimento social que, tal como a água dentro da xícara “se torna a xícara”, se reinventa de acordo com os seus atores e contextos históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento operário. Classes sociais. Ideologia. Política.

INTRODUÇÃO

Muitas noções sobre o início das mobilizações sociais da classe social dos operários em Pernambuco (e porque não dizer, em todo Brasil), trazem a tiracolo discursos que pregam que em sua infância os espíritos combativos e ideológicos dos primeiros socialistas, comunistas e anarquistas eram de um vívido pulsar, e que naqueles tempos o movimento apresentava uma grande pureza em seus objetivos, estritamente comprometido com uma ruptura derradeira com a ordem imposta. A Revolução operária derrubaria tudo e todos que não estivessem dentro dela.

Michel Zaidan afirma que existe uma espécie de teoria da conspiração na historiografia brasileira que apelida de “flores exóticas” os conjuntos de ideias que contestam o *status quo* vigente¹. Assim tratavam o liberalismo, o conceito de república e por fim as ideias do comunismo e do anarquismo. Existe também uma ideia equivocada de que antes da adoção desses modelos sociais importados da Europa, reinava a complacência e não existiam conflitos de classe.

No entanto, ao se realizar uma análise mais atenta aos agentes históricos e seus cenários, mais fica evidente que desde o início o “Trator” dos movimentos operários em Pernambuco era movido por “combustível ideológico adulterado”, ou seja, quanto mais fontes e fatos sobre tais movimentos se apresenta, mais a tal pureza ideológica parece improvável, já que as práticas sociais e políticas vão de encontro às vivências e objetivos específicos de seus atores históricos e não a ideologias cristalizadas.

¹FILHO, Michel Zaidan: **Histórias do sindicalismo no Brasil**. NEEPD-UFPE. Recife, 2021. Pág. 9.

A QUIMERA IDEOLÓGICA VAGA DESDE CEDO

Ao se fazer uma breve análise do pensamento e a práxis dos primeiros socialistas brasileiros, é perceptível uma tônica eclética que permeava o conceito. Em um pioneiro trabalho de José Inácio de Abreu e Lima, lançado na cidade de Recife em 1855, é descrito algo que pode ser chamado de misto de evolucionismo, positivismo e a racionalidade do Iluminismo apegados a um evidente cristianismo que afirma que o socialismo nada mais era do que a manifestação da vontade divina: *“O socialismo não é uma ciência, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um sistema, nem um princípio, nem uma ideia: é nada mais do que tudo isto, porque é um desígnio da Providência”*².

Até mesmo no contexto histórico europeu, provedor dos modelos seguidos no Brasil, os estudos de Karl Marx e Friedrich Engels em seu “Manifesto” de 1848 apontavam para uma amálgama de conceitos e tendências que passavam pelo “socialismo clerical” e “socialismo pequeno-burguês”. No fim, todo projeto que carregava o sonho de regenerar a humanidade educando os pobres e desvalidos entrava no grande hall que abrigava o conceito “socialismo”.

Ainda antes de Marx e Engels, em meados do início do Século XIX os socialistas utópicos como o inglês Robert Owen acreditavam na possibilidade da construção de uma nova sociedade em que toda propriedade seria coletiva. Owen, um industrial, estabeleceu em sua fábrica têxtil um modelo experimental de comunidade cooperativa no entorno da propriedade e tentou espalhar o modelo em outros países, como os Estados Unidos. A empreitada não frutificou por conta de ideias vanguardistas como a defesa de direitos iguais para homens e mulheres que entravam em choque contra uma realidade dominada por oligarquias capitalistas³.

² HARDMAN, Foot; LEONARDI, Victor: **História da Indústria e do trabalho no Brasil**. Editora Ática. São Paulo, 1982. Pág. 110.

³VÁRIOS: **Enciclopédia Ilustrada de História**. Volume 5. Duetto Editorial. São Paulo, 2009. Pág. 362.

Na França havia Henri Saint-Simon propondo uma sociedade igualitária, em que todos tenham acesso a oportunidades iguais e o fim da propriedade privada. Em meio a tantas mudanças e guinadas radicais de mudança do *status quo*, surge o anarquismo, que pregava o fim do Estado, substituído por um sistema de livre e espontânea colaboração entre os trabalhadores do mundo⁴.

A QUIMERA CANTA EM PERNAMBUCO

Se na Europa, o berço da industrialização, a desigualdade social e a combinação de formas de articulação eram marcantes no movimento operário, não se pode esperar que fosse diferente no Brasil do latifúndio oligárquico, herdeiro de uma sociedade escravista de séculos. Os proletários da aurora industrial brasileira estavam envoltos nas duas grandes contradições da transição ao capitalismo de indústria, elucidadas por Marx em seu “O capital”:

“Além dos males da época atual, temos que suportar uma longa série de males hereditários provenientes do vegetar de modos de produção antigos e caducos, com as respectivas relações políticas e sociais anacrônicas que eles engendram. Temos que sofrer não somente por causa dos vivos, mas ainda por causa dos mortos” (MARX, 1970).

A casa-grande não havia silenciado. O estalar do chicote escravista fora trocado pelo apito fabril, mas a mão da burguesia pesava sobre os primeiros proletários brasileiros da mesma forma que como nos escravos de outrora, numa espécie de “servidão burguesa”⁵. Não se concebiam ideias acerca de uma legislação acima das relações patrão-empregado: o critério era particular em cada empresa, porém todos convergiam para uma espécie de violência institucionalizada regulatória.

Em várias sociedades agrícolas que utilizaram trabalho escravo, incluindo o Brasil, a transição do escravismo para o trabalho livre não aconteceu em uma guinada súbita, em que o escravizado desaparece e em seu lugar surgiu o

⁴ IDEM.

⁵ LOPES, S. J Leite: *Fábrica e vila operária: considerações sobre uma forma de servidão burguesa*. Cedec. São Paulo, 1979.

trabalhador livre, dono de si e de sua própria capacidade de trabalho⁶. Os novos capitalistas fabris eram herdeiros de patrimônio erguido sobre o suor e sangue de escravos, e os operários nada mais eram que uma nova espécie de escravos.

Neste cenário de exclusão social e política como o Brasil da virada do Século XIX para o XX, não é de se estranhar que parecessem atraentes ideologias como o anarquismo, sindicalismo, socialismo, anarco-sindicalismo e comunismo, que iam de encontro às ansiedades dos desvalidos proletários.

Os anarquistas usavam de uma militância pedagógica e cultural, tendo como veículo principal a literatura, o teatro, palestras e eventos educativos. Os anarco-sindicalistas e os devotos do sindicalismo revolucionário acreditavam que o sindicato e a luta sindical seriam o caminho para a tão sonhada greve geral revolucionária que poria o capital de joelhos. Os sindicatos eram vistos como escolas preparatórias para um futuro de revoluções⁷.

Apesar da grande penetração das ideias anarquistas no início do Século XX, este perderia espaço em meados dos anos 1920, por influência de fatores como a repressão policial, desarticulação dentro do próprio movimento, e a concorrência do então novíssimo Partido Comunista Brasileiro.

Considerando entraves como a ainda deficiente capacidade de organização e articulação classista, é possível afirmar que os movimentos operários desta época eram estritamente espontâneos. Eram manifestações que chocam contra a ideia de que os trabalhadores deste período aceitavam placidamente os desmandes da ordem dominante⁸.

Após a ocorrência do Congresso Operário Brasileiro de 1906, em que uma das principais pautas foi a luta pela jornada de trabalho de oito horas diárias e melhores pagamentos, houve uma renovada onda de movimentos grevistas pelo país. Em Pernambuco, se destaca a combatividade dos trabalhadores portuários, um setor que naquele momento específico era vital

⁶ EINSENBURG, Peter L: **Estudos Econômicos**, n° 13: Trabalho escravo e Proletário na História do Brasil. UNICAMP, 1983. Pág. 1.

⁷ FILHO, Michel Zaidan: **Histórias do sindicalismo no Brasil**. NEEPD-UFPE. Recife, 2021. Pág. 11.

⁸ REZENDE, Antônio Paulo: **As primeiras ideias socialistas em Pernambuco**, na revista Clio – Revista de Pesquisa Histórica, N° 23. Pág. 23.

para a economia pernambucana, principal vetor de escoamento do açúcar, ainda o carro-chefe econômico local⁹.

Sob a influência dos socialistas pernambucanos, a grande greve da primeira década do Século XX viria a ocorrer no início de 1909, na Great Western. No dia 9 de Janeiro deste ano, o superintendente local da empresa, o Sr. Lorimer, seria surpreendido com um abaixo assinado entregue pelos advogados dos funcionários brasileiros da companhia, no qual denunciavam o tratamento desigual entre os empregados (os locais eram deferidos pelos ingleses) e exigindo um aumento em seus salários, na casa dos vinte a cinquenta por cento. A empresa nada cedeu, e em represália se instaurou uma paralisação que tendo como epicentro Pernambuco, também transcorreu na Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte, apesar da limitada comunicação. Tamanha foi a paralisação que o governador do estado precisou intervir nas negociações¹⁰.

Assim, como em outros estados brasileiros, os maiores responsáveis pelas primeiras tentativas de organizar a classe trabalhadora no estado foram os socialistas. Os anarquistas, em particular os anarco-sindicalistas, só ganhariam força no estado a partir do ano de 1914, com a fundação da Federação dos Trabalhadores. Entretanto, como já apontado antes, o anarquismo não penetrou no seio do movimento operário pernambucano¹¹.

É digno de nota que o socialismo praticado pelo meio operário na virada do Século XIX para o Século XX afasta-se da afamada “pureza ideológica”. Sobre isso, Alceste de Ambris ilustra que *“a metafísica imperava soberana e o seu socialismo era mais uma estranha mistura de conceitos evangélicos, de jacobismo político, de rebelião impulsiva, de espiritismo e de positivismo dogmático-comunista”*¹². É um tanto quanto temerário querer dar um diagnóstico político preciso, coerente e uniforme do movimento operário deste período.

⁹IDEM.

¹⁰ CASTRO, Ana: **As empresas estrangeiras no Brasil (1860-1913)**. Zahar, Rio de Janeiro, 1979. Pág. 6.

¹¹ REZENDE, Antônio Paulo: **As primeiras ideias socialistas em Pernambuco**, na revista Clio – Revista de Pesquisa Histórica, Nº 23. Pág. 28.

¹² HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo S. (Organizadores): **A classe operária no Brasil (1889-1930)**. Alfa-Ômega, São Paulo, 1979. Pág 36.

Quando se exige que a classe operária pernambucana tivesse um comportamento estritamente revolucionário, acaba-se por viciar o olhar sobre tais movimentos. Karl Marx já expunha que *“a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática”*¹³. Modelos indissolúveis deixam podem muitas vezes desprezar as diversidades da vida real, e a compreensão da História se transforma em mero julgamento onde são criadas justificativas para os “grandes erros dos sujeitos históricos”. Criam-se então contrapontos perigosos.

Existe certo recato na abordagem das contradições, características e “fracassos” da ação política da classe dos operários. Com esse olhar de juiz é difícil de desprender de certos vocábulos como avanços, recuos e (in)consciência política, como se estes fossem os responsáveis por elucidar em definitivo tais questões. Não é apenas meramente qualificando, em função dos resultados alcançados, em deferimento do próprio processo de construção (que é o que deve se considerar o mais importante a ser levado em conta), que é alcançada uma análise satisfatória, que tenta se aproximar das vivências reais.

Quando a análise se prende ao pressuposto da “missão revolucionária” dos operários, ela acaba atada a uma expectativa acerca de uma predestinação histórica à revolução e na busca dessa uniformidade, se aprisiona dentro de uma invulnerável e inalcançável metafísica, como se apenas ela fosse suficiente para abalar as estruturas da dominação do capital burguês, a qual trespassa vários tipos de relações dentro das sociedades e que não serão desintegradas unicamente pela força de teorias e discursos inflamados.

Não existe uma prática que é revolucionária a todo o momento, e exigir tal postura do movimento operário, só levando em conta o julgamento de suas práticas quando estas estão de acordo com sua “missão histórica”, o escopo de nossa visão é afetado de modo que é perdida a dimensão maior e objetividade em qualquer análise histórica que se faça. Quando se “põe na bagagem” as contradições históricas de qualquer movimento, tais contradições não são

¹³ MARX, Karl. XI Tese sobre Feurbach.

empecilhos: constituem mais elementos para compreender, e talvez até despir tais incoerências das vestes de meros desatinos¹⁴.

Os socialistas têm um papel importante em Pernambuco, pela sua tentativa de fazer parte da política oficial e também o seu papel na tentativa de diminuir “os problemas” resultantes de manifestações de setores mais combativos do movimento operário daquela época. Durante a década de 1910 se colocariam como os “verdadeiros” representantes da classe operária pernambucana, chegando ao ponto de se prostrarem como protagonistas da revolução¹⁵.

Em 1900 fundaram em Recife o Centro Protetor dos Operários que acima de tudo, era uma grande entidade apologética ao socialismo, organizadora de várias comemorações do 1º de maio e conferências acerca da realidade de vida dos trabalhadores. No ano de 1901, fundou o combativo jornal Aurora Social, o qual circularia até 1907. Seu principal editor, João Ezequiel, pregava que o jornal era um órgão marxista¹⁶.

Os objetivos diretos da luta operária eram por meio da propaganda se criar entre os trabalhadores a consciência da urgência de representação partidária da classe, combater a ociosidade e os vícios entre os operários, conquistar a limitação da árdua jornada de trabalho. A maior tônica era a criação de um partido da classe trabalhadora, meta considerada de extrema importância para se ganhar terreno na luta. Apesar de serem descrentes em todo processo eleitoral, os socialistas ainda acreditavam na importância de terem seus próprios candidatos¹⁷.

É preciso se levantar algumas questões que suscitam as propostas dos socialistas, levando-se em conta a própria máquina política da sociedade pernambucana, assim como no resto do país, que era uma manifestação da dominação burguesa. Se por um lado a constituição era republicana, a práxis política era estritamente oligárquica¹⁸.

¹⁴REZENDE, Antônio Paulo: **A formação da classe operária em Pernambuco: algumas divagações metodológicas**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

¹⁵REZENDE, Antônio Paulo: **As primeiras ideias socialistas em Pernambuco**, na revista Clio – Revista de Pesquisa Histórica, Nº 23 Pág. 29.

¹⁶IDEM. Pág. 30.

¹⁷IDEM. Pág. 31.

¹⁸IDEM.

Então fica o questionamento: o movimento operário pernambucano estava cego para tal contradição? Realmente acreditava que, nesse contexto de política verticalizada e controlada pelas elites, alcançariam o parlamento sem nenhum acordo ou sacrifício perante as classes dominantes, o que essencialmente removeria a capacidade de representação de seus candidatos?

Naquele momento embrionário do movimento operário, em que a classe trabalhadora aos poucos construía sua própria identidade, não havia a menor possibilidade de uma organização política que galgasse vitórias eleitorais enquanto ao mesmo tempo se mantivesse distante dos acenos e práticas políticas de um *establishment* de séculos¹⁹.

Por exemplo, no caso da eleição de João Ezequiel (editor do Aurora social) para o cargo de deputado estadual no ano de 1912: nenhum objetivo eleitoral da classe trabalhadora foi alcançado durante seu mandato, que foi marcado por posições pouco compromissadas com revoluções sociais²⁰. Estariam certos os anarquistas que, desprezando o jogo político, afirmavam que a ação direta contra a dominação burguesa seria o melhor caminho para a derrubada da dominação burguesa?

Para nada serve julgar a prática política dos operários da aurora do Século XX. É um esforço muito mais frutuoso tentar compreendê-la. É importante ressaltar que nenhuma prática política flutua solta, existindo alheia ao seu meio social. Tais práticas são afetadas por determinações reais e se põem em prática se chocando contra obstáculos, construindo propostas.

Nas páginas do jornal Aurora Social é perceptível a miríade de entendimentos sobre o que de fato era o socialismo e a que ele se propunha. A ordem do dia se alternava entre socialismo marxista e princípios cristãos, citando até mesmo que o próprio Jesus Cristo cairia em desgosto vendo a situação dos trabalhadores. *“Bebemos os grandes ensinamentos à sombra do grande Marx, façamos enquanto antes a revolução social, uma que trará a revolução sonhada por Cristo”*²¹.

Não convém martelar sobre os aspectos nocivos desse mosaico ideológico composto por ladrilhos tão contrastantes. É mais oportuno um olhar

¹⁹IDEM. Pág. 32.

²⁰IDEM. Pág. 34.

²¹VÁRIOS. **Jornal Aurora Social**. Recife 1902.

objetivo sobre essa forma revolucionária de se encarar o cristianismo, divorciado da carga censurante, conservadora e elitista impressa pela igreja. Se para os trabalhadores as barbas de Cristo eram iguais às de Karl Marx era porque buscavam em ambas as filosofias instrumentos de mudança social, adagas para desatar os nós inerentes à sociedade dominada pelo capitalismo oligárquico.

Neste cenário de sincretismo ideológico em Pernambuco, também se destacava a Federação Operária Cristã, que tinha no jornal União Operária o seu principal propagandista. Fundada em 1902 pelo industrialista Carlos Alberto de Menezes, que nos estatutos de sua empresa incorporou várias doutrinas de uma espécie de “cristianismo social”. Em sua fábrica em Camaragibe Menezes organizou diversos sistemas de assistência social e cooperativas, e a Corporação de Camaragibe, uma espécie de sindicato misto²².

Se por um lado um industrial estender sua mão para seus subalternos é algo sem precedentes para a época, o principal objetivo de tal empreitada era exercer um rígido controle ideológico sobre a força de trabalho e também uma forma de se antecipar aos anseios da classe trabalhadora²³.

O jornal União Operária repercutia as ideias centrais do que desejava Carlos Alberto: o casamento entre o capital e o trabalho, dispensando a necessidade de práticas e ideais revolucionários, pois os esforços deviam ser no sentido de cooperação com a dominação burguesa²⁴. Menezes utilizava o jornal como forma de difundir a defesa da Lei dos Sindicatos Profissionais, e defendiam tal modelo sindical:

“Em vez de uma grande variedade de associações de tipo e moldes diversos, todas as classes se organizarão segundo um só modelo: sindicato profissional, que vem dar a profissão o seu caráter de instituição social, que o Estado deve cercar de todas as garantias, estabelecendo os moldes gerais dentro dos quais os profissionais das diversas profissões deverão se associar para o estudo e a defesa de seus interesses comuns. O sindicato profissional deve abranger todas

²² FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. José Olympio. Rio de Janeiro, 1958. Págs. 593-594.

²³ SANTOS, Marcos Alesandro Neves dos: **Experiências mutualistas na vila operária de Camaragibe (1900 - 1929)**. Dos anais do 30º Simpósio Nacional de História. Recife, 2019.

²⁴ REZENDE, Antônio Paulo: **As primeiras ideias socialistas em Pernambuco**, na revista Clio – Revista de Pesquisa Histórica, Nº 23. Pág. 35.

MOURA, Joel Rodrigues de: A Quimera Ideológica: Reflexões sobre a pureza ideológica na gênese dos movimentos operários em Pernambuco. IN: GUILHERME, Willian Douglas; FREITAS, Patrícia Gonçalves de; MELLO, Roger Goulart (orgs.): Memória em Diálogo: variantes da História, política e cultura do Brasil, v. 2. Rio de Janeiro: e-Publicar. 2022.

as manifestações da vida operária, sua família, na vida da indústria, na vida social e até em suas relações com a grande coletividade humana. [...] sob seus auspícios, florescem todas as associações de ensino e de educação, de previdência e mutualidade, de cooperação, as cooperativas de todo gênero, as caixas de socorro, as instituições de previdência que protegem e amparam a velhice e a invalidez, as escolas e as bibliotecas etc [...]" (VÁRIOS, 1906).

Em todos os artigos em defesa dos sindicatos profissionais do periódico se despreza o caráter político da organização dos trabalhadores. Essa ruptura com o mundo político e a transformação das entidades operárias em meros aparatos de assistência social traziam consigo o objetivo de tornar o sindicato um controlador ideológico, aparato de controle que tem como principal tarefa a harmonização entre operário e patrão, sem nenhuma revisão em relação a relação verticalizada entre os mesmos.

CONCLUSÃO

Foram apresentados dois projetos sociais que, se postos lado a lado, são ao mesmo tempo antagônicos e incompatíveis entre si, como também são manifestações do mesmo espectro diverso que foi o movimento operário na virada do Século XIX para o XX em Pernambuco. Como dito anteriormente, é pouco viável se exigir um modelo de prática política puro, visto que nem mesmo nas origens das ideologias na Europa é possível encontrar modelos desvinculados de qualquer "mácula" das sociedades em que estão inseridos. Ideologias não existem independentes de nada, portanto a "pureza ideológica" está muito mais próxima de ser uma falácia subjetiva utópica do que um conceito concreto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Ana: **As empresas estrangeiras no Brasil (1860-1913)**. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

EINSENBERG, Peter L: **Estudos Econômicos, nº 13**: Trabalho escravo e Proletário na História do Brasil. UNICAMP, 1983.

FILHO, Michel Zaidan: **Histórias do sindicalismo no Brasil**. NEEPD-UFPE. Recife, 2021.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. José Olympio. Rio de Janeiro, 1958.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo S. (Organizadores): **A classe operária no Brasil (1889-1930)**. Alfa-Ômega, São Paulo, 1979.

HARDMAN, Foot; LEONARDI, Victor: **História da Indústria e do trabalho no Brasil**. Editora Ática. São Paulo, 1982.

LOPES, S. J Leite: **Fábrica e vila operária: considerações sobre uma forma de servidão burguesa**. Cedec. São Paulo, 1979.

MARX, Karl. **XI Tese sobre Feurbach**. Bruxelas, 1845.

MARX, Karl: **Préfacio da primeira edição alemã do primeiro livro O Capital**. Tomo III. Moscou, 1970.

REZENDE, Antônio Paulo: **As primeiras ideias socialistas em Pernambuco**, na revista Clio – Revista de Pesquisa Histórica, Nº 23.

SANTOS, Marcos Alesandro Neves dos: **Experiências mutualistas na vila operária de Camaragibe (1900 - 1929)**. Dos anais do 30º Simpósio Nacional de História. Recife, 2019.

VÁRIOS. **Jornal Aurora Social**. Recife 1902.

VÁRIOS. **Jornal União Operária**. Edição de 06 de junho de 1906.

VÁRIOS: **Enciclopédia Ilustrada de História**. Volume 5. Duetto Editorial. São Paulo, 2009.